

**BJGH**Brazilian Journal  
of Global Health  
Revista Brasileira  
de Saúde Global

## Palestina e Israel: impacto de 73 anos de colonialismo, *apartheid* e genocídio

Luísa Teixeira Francisco e Gontijo<sup>1\*</sup>, Amanda Mendes Clemente Vilella<sup>1</sup>, Rafaela Tonholli Pinho<sup>1</sup>, Angié Ramirez Reyes<sup>2</sup>, Nasrallah Almassri<sup>3</sup>, Raquel Bandeira da Silva<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Graduando de Medicina no Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH), Brasil.

<sup>2</sup>Graduando de Medicina na Universidad Nacional Federico Villarreal (UNFV), Peru.

<sup>3</sup>Graduando de Medicina na Palestine Faculty of Medicine at Al-Quds University, Al-Azhar branch, Gaza, Palestina

<sup>4</sup>Infectologista e docente no Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH), Brasil.

### RESUMO

#### OBJETIVO

A ocupação da Palestina foi estruturada por meio de um discurso colonialista e orientalista. Desde 1948, as políticas israelenses geraram uma ampla gama de abusos contra os palestinos. Esse trabalho objetivou analisar os impactos na saúde e qualidade de vida dos palestinos decorrentes da ocupação israelense.

#### MÉTODOS

Revisão narrativa da literatura sobre os impactos causados pela ocupação israelense na saúde e na qualidade de vida dos palestinos.

#### RESULTADOS

A Palestina tem 2,45 milhões de pessoas que requerem alguma forma de assistência humanitária. A situação atual se deve à constante invasão dos territórios palestinos por assentamentos judeus e ao rígido controle dos territórios conquistados, o que impede a população de ter acesso a direitos básicos como saúde e alimentação.

#### CONCLUSÕES

A ajuda humanitária internacional não será suficiente para minimizar a desigualdade vivida na região, que é causada pelo contexto político de colonialidade e *Apartheid* da região.

#### DESCRITORES

Palestina, Impactos na saúde, Colonialidade; *Apartheid*, Genocídio, Assistência humanitária

#### Corresponding author:

Luísa Teixeira Francisco e Gontijo.

Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH), Minas Gerais, Brasil. Rua Osvaldo Machado Gontijo, nº 949, apt 302, Centro. Divinópolis- Minas Gerais, Brasil.

E-mail: [luisatfg14@gmail.com](mailto:luisatfg14@gmail.com)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2823-8358>

**Copyright:** This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons

Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.

DOI: <https://doi.org/10.56242/globalhealth;2021;2;5;30-32>

## INTRODUÇÃO

A autodeterminação das pessoas é definida como a capacidade para governarem a si próprias, decidirem as suas políticas/agendas (políticas, econômicas e culturais) e reforçarem a unidade da população. Tais decisões devem basear-se em fundamentos democráticos e igualitários, sem a influência de terceiros<sup>1</sup>. Este direito básico foi retirado dos palestinos, como o direito à terra, o direito de ir e vir, o direito de acesso aos cuidados da saúde de qualidade, e tantos outros.

A ocupação da Palestina foi estruturada por perspectiva colonialista e orientalista. Edward Said, no seu trabalho, enfatiza que a visão da Palestina foi estruturada como uma terra desocupada, os palestinos como uma população bárbara, e o Oriente, era mais uma vez inferior ao Ocidente. Os movimentos de resistência foram rotulados como terroristas<sup>2</sup>. A visão contra hegemonia é altamente silenciada, enquanto há desvalorização da cultura e da história deste povo. Instala-se também um regime de *Apartheid*, onde os cidadãos palestinos são privados da sua terra com a sua população rodeada e controlada em todos os aspectos da vida quotidiana<sup>3</sup>.

Desde 1948, as políticas israelitas têm gerado vasta gama de abusos contra os palestinos, o que tem sido assumido como uma forma de genocídio por várias autoridades de direitos humanos. Exemplos disso são os repetidos ataques militares a Gaza, as extensas restrições de movimento pelo fechamento de Gaza, do regime de licenças e o confisco de mais de um terço da terra na Cisjordânia<sup>4</sup>.

Em maio de 2021, os ataques israelitas à Palestina recomeçaram, matando mais de 250 pessoas e deixando quase 2.000 feridos no território costeiro da Faixa de Gaza. Em apenas 11 dias, muitos habitantes de Gaza perderam as suas casas e meios de subsistência, sofrendo lesões físicas e psicológicas. As infraestruturas vitais de Gaza, incluindo redes de água e saneamento, instalações sanitárias e educacionais, também foram danificadas. Metade das linhas elétricas em Gaza não funcionaram e mais de uma dúzia de instalações médicas, incluindo o laboratório central de testes para COVID-19, foram danificadas. Hoje, a situação mantém-se, e os direitos palestinos continuam a ser alvo de ataques<sup>5</sup>.

Esse artigo visou discutir os impactos reais da criação do Estado de Israel na vida dos palestinos, bem como todo o processo de resistência a uma ocupação colonizadora e a um regime de *Apartheid*.

## MÉTODOS

Revisão da literatura que esclarece os impactos causados pela ocupação israelita na saúde e qualidade de vida dos palestinos. Os dados foram retirados da Visão Geral das Necessidades Humanitárias (2020 e 2021), documentos escritos pelo Gabinete de Coordenação dos Assuntos Humanitários das Nações Unidas (OCHA), bem como relatórios da organização Médicos Sem Fronteiras (MSF). A fundação teórica foi realizada por meio de pesquisa nas plataformas Google Academic, Pubmed e Scielo, utilizando as palavras-chave: “Palestina”, “Colonialidade”, “*Apartheid*”, “Impactos na saúde”, “Covid19”, “Grande Marcha de Regresso”, foram selecionados artigos publicados entre 2010 e 2021, em inglês e português.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo dados de 2021 da OCHA, a Palestina tem uma população total de 5,2 milhões de pessoas, das quais 2,45 milhões necessitam de alguma forma de assistência humanitária. Entre estas pessoas, 60% têm necessidades graves, enquanto em 2020, havia 40%. Aproximadamente 77% das pessoas com necessidades graves encontram-se em Gaza<sup>6</sup>.

Um problema recorrente é a expansão dos colonatos israelitas e a anexação de terras aos territórios israelitas, o que é contrário ao direito internacional. O mais recente episódio famoso foi a ocupação do bairro Shaik Jerrah. A maioria das pessoas necessitadas está relacionada as consequências da proteção e da deslocação forçada (2,1M). É importante notar que Israel controla a entrada e saída de pessoas e bens em todo o território palestino ocupado, o que cria uma escassez de abastecimento e explica as 1,5M pessoas que têm necessidades relacionadas ao acesso a serviços essenciais. Além destas, 2M pessoas têm necessidades relacionadas a resiliência/recuperação e 1,5M relacionadas ao acesso a serviços essenciais. Atualmente há 1,5M de pessoas que vivem abaixo do limiar da pobreza, 1,3M de refugiados e 928k pessoas afetadas por conflitos e violência relacionada<sup>6</sup>.

A resistência contra a dominação israelita existe e foi a razão para a criação da Grande Marcha de Regresso (GMR). Os protestos, na sua maioria pacíficos, foram travados com grande armamento militar pelo exército israelita. A Visão Geral das Necessidades Humanitárias de 2020 salientou que entre 2018 e 2019, durante a GMR, estimou-se que aproximadamente 36.143 pessoas foram feridas. A maioria por inalação de gás lacrimogêneo (41%), mas pelo menos 22% foram feridas por munições. Duzentos e quatorze palestinos foram mortos, dos quais 46 eram crianças. Mais de 1.200 necessitarão de reabilitação a longo prazo<sup>7,8</sup>.

Os MSF, de 30 de março de 2018 a 30 de novembro de 2019, tiveram 4.830 pacientes admitidos em clínicas de trauma, 3.966 cirurgias realizadas e 143.912 sessões de fisioterapia administradas<sup>9</sup>. A grande diferença no armamento entre os dois lados indica que a situação não é um simples conflito, mas uma tentativa de genocídio de um povo. Além de todas as consequências físicas, é importante salientar o impacto psicológico e social destas lesões na vida dos palestinos. Em 2020, estimou-se que 10.400 pessoas sofreram graves problemas de saúde mental e 42.000 de problemas moderados<sup>7</sup>.

Israel também dificulta o acesso da população palestina aos direitos fundamentais. Cerca de 3000 agricultores que possuem ou trabalham em terras situadas a 1000 metros do perímetro israelita são desencorajados a realizar agricultura familiar devido à insegurança do local. Do mesmo modo, 4000 famílias de pescadores são impedidas de exercer as suas atividades devido ao bloqueio marítimo. A falta de eletricidade (em 2019 era fornecida 12 horas por dia) tornando impossível a prestação de serviços essenciais, incluindo os cuidados de saúde<sup>6</sup>.

O *Apartheid* entre Israel e Palestina tornou-se mais evidente durante a pandemia da COVID-19. Um artigo de fevereiro de 2021 da MSF relatou que Israel tinha vacinado quase 50% da sua população com a primeira dose e 30% com a segunda dose contra COVID-19; enquanto a Palestina tinha vacinado apenas 0,8% da sua população. Como potência ocupante, Israel deveria ter a responsabilidade de fornecer suprimentos médicos e a aplicação de medidas para combater a propagação de doenças e epidemias contagiosas, como consagrado na Quarta Convenção de Genebra, o que claramente não está acontecendo<sup>10</sup>.

## CONCLUSÃO

Os palestinos, desde a ocupação de seu território, têm vivido num regime de *Apartheid* por um poder colonizador que submete os seus habitantes, os expõe à violência constante e à perda de seus direitos fundamentais. A ajuda humanitária internacional, para os 2,45 milhões de pessoas que vivem em situações de vulnerabilidade, não será suficiente para acabar com a desigualdade vivida na região. Tudo isto é causado pelo contexto político da região, que é cada vez mais dominante e segregado<sup>1,3</sup>.

## REFERÊNCIAS

1. Costa, LS; Barbosa, CV. A colonização da Palestina. REJUS [Internet]. 28 fev.2019 [Access in September 26th, 2021];(1):152. Available in: <<http://www.revistas.unirn.edu.br/index.php/revistajuridica/article/view/561>>.
2. Said, Edward W. Orientalism. New York: Pantheon Books, 1978.
3. Sath, FB. Edward Said and the Parallels Between the Occupation of Palestine and Apartheid in South Africa. Hist. R., Goiânia, v. 25, n. 3, p. 89-110, set./dez. 2020
4. Ocampo JE. Palestinian Refugees: Old Problems, New Challenges. Human Displacement from a Global South Perspective. Palgrave Pivot, Cham. pp 101-116. 19 March 2021. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-64819-0\\_6](https://doi.org/10.1007/978-3-030-64819-0_6)
5. Medecins Sans Frontieres. Trauma continues long after the bombing stops in Gaza. [Access in September 27 of 2021]. Available in: <<https://www.msf.org/trauma-continues-long-after-bombing-stops-gaza-palestine>>
6. United Nations Office for Coordination of Humanitarian Affairs. Occupied Palestinian Territory (oPt) - Humanitarian Needs Overview 2021. December 23rd, 2020.
7. United Nations Office for Coordination of Humanitarian Affairs. Occupied Palestinian Territory (oPt) - Humanitarian Needs Overview 2020. December 31st, 2019.
8. United Nations. Two Years On: People Injured and Traumatized During the “Great March of Return” are Still Struggling. April 06th, 2020. [Access in September 24th], 2021 Available in: <<https://www.un.org/unispal/document/two-years-on-people-injured-and-traumatized-during-the-great-march-of-return-are-still-struggling/>>.
9. Medecins Sans Frontieres. Great March of Return. [Access in September 24th, 2021] Available in: <<https://www.msf.org/great-march-return>>.
10. Kennes, M; Medecins Sans Frontieres . In Israel, you’re 60 times more likely to have a COVID vaccine than in Palestine. 22 February 2021. [Accessed September 24th, 2021] Available in: <<https://www.msf.org/stark-inequality-covid-19-vaccination-between-israel-and-palestine>> .